

# DANÇA EM PROJETOS SOCIAIS: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Ms. ADRIANA CORREIA

Centro Universitário Augusto Motta e Universidade Gama Filho

Dr<sup>a</sup> MONIQUE ASSIS

Centro Universitário Augusto Motta e Universidade Gama Filho

## RESUMO

Pautando-se no bordão da inclusão social, inúmeros movimentos vêm propondo sentidos alternativos à política mediante a idéia da democratização do esporte, da arte, entre outras manifestações culturais. Este estudo realizou um levantamento no arquivo do jornal "O Globo", analisando todas as notas e reportagens que enfocaram trabalhos referentes ao ensino da dança realizados junto às chamadas favelas e comunidades de baixa renda na cidade do Rio de Janeiro. Dentre as matérias encontradas, foram selecionamos aquelas que abordavam a dança em projetos sociais como temática central, que representavam um total de 20 textos. A partir do material aqui analisado, vemos que a mídia tem demonstrado uma interpretação positiva da realidade dos projetos sociais. Trazendo à tona a velha máxima da igualdade social, essas reportagens jornalísticas vão se delineando e cristalizando sentidos, carregando em si o sonho ocidental de atenuar a tirania das diferenças sociais. No entanto, ao valorizar a importância de tais iniciativas, produz e reproduz certos valores moralizantes, abordando as mazelas sociais como decorrência direta da pobreza, passíveis de prevenção ou correção a partir dos projetos.

Palavras-chave: Projetos sociais. Dança. Mídia.

## INTRODUÇÃO

Pautando-se no bordão da inclusão social, inúmeros movimentos vêm propondo sentidos alternativos à política mediante a idéia da democratização do esporte, da arte, entre outras manifestações culturais.

Tratam-se, em parte, de múltiplas ações e projetos sociais de resgate de cidadania e construção do indivíduo, promovidos por ONGs, igrejas, empresas, profissionais liberais. Movimentos que complementam ou caminham em direção oposta à ação estatal, como uma resposta à crise da sociedade civil. Por outro lado, os próprios governos têm atuado na implementação de novas políticas públicas, em ações alternativas às propostas das instituições tradicionais.

Em tempos de tantas ONGs e projetos socioculturais ligados às chamadas "minorias sociais", vemos que os programas voltados para crianças e jovens têm

privilegiado a adoção das práticas pedagógicas mediadas pela corporeidade. Entre estas, a dança tem sido uma das atividades constantemente incluídas em programas educacionais direcionados para as chamadas comunidades carentes.

Freqüentemente, mesmo não sendo considerada esporte, esta prática corporal transita pela área de atuação da educação física, inserida em propostas de intervenção governamentais ou privadas, em meio ao ensino de várias modalidades esportivas. Também têm sido freqüentes as iniciativas que partem de instituições ou profissionais diretamente ligados à dança e a arte, de forma geral.

Como todo fenômeno que desponta na sociedade contemporânea, esta proliferação dos projetos sociais cresce em paralelo com o destaque que vem recebendo da mídia. Além de programas televisivos voltados para a “cidadania”, das propagandas políticas dos governos e até mesmo do marketing social de pessoas públicas, estas iniciativas têm sido notícia nos veículos de comunicação. O discurso da mídia não só reproduz valores do imaginário social instituído, mas também possui o que Castoriadis (1982,1999) chamaria de poder instituinte no reforço ou na criação de novas significações imaginárias. Neste sentido, a fala jornalística se constitui como espaço privilegiado de interpretação de tais projetos, na medida em que seleciona, destaca e reestrutura os possíveis sentidos para estas ações cada vez mais comuns, que são direcionadas às crianças e jovens de comunidades de baixa renda.

### **A “DANÇA SOCIAL” NO RIO DE JANEIRO**

A dança, como uma prática artística acadêmica, envolvendo uma técnica sistematizada, uma codificação de passos ou pesquisas sistematizadas de movimentos expressivos, construiu-se historicamente como uma atividade das classes com maior poder aquisitivo, ou seja, uma prática até então afastada de favelas e periferias.

Em um movimento oposto a esta tendência, vários profissionais na cidade do Rio de Janeiro estão partindo para vivenciar as possibilidades desta prática em comunidades de baixa renda, sistematizando uma vivência da dança para corpos que, como tradutores do texto/contexto social, carregam em si o estigma da exclusão social.

Num trabalho recente desenvolvido por Silvia Soter<sup>1</sup> (2002) intitulado “A dança no Rio de Janeiro: uma alternativa contra a exclusão”, a cartografia dos projetos sociais em dança na cidade do Rio de Janeiro foi mapeada. Segundo a autora o balé clássico, a dança contemporânea, a dança de rua e as danças populares são alguns exemplos das práticas oferecidas para estas comunidades. Embora todas utilizem a

---

<sup>1</sup> Silvia Soter é formada em dança pela Universidade de Paris VIII e em Artes pela PUC-RJ, além de ser crítica de dança do jornal O Globo. Seu estudo foi patrocinado pelo Programa de Bolsas RioArte, do Instituto Municipal de Arte e Cultura e teve como objetivo mapear os projetos de prática de dança oferecidos gratuitamente à comunidades de baixa renda na cidade do Rio de Janeiro.

dança como eixo comum, suas propostas diferem quanto a seus objetivos e metas.

O relatório final do estudo apresentou a catalogação de 32 projetos, sem garantir a cobertura de todo universo existente, descrevendo seus conteúdos quanto o estilo de dança e objetivo do projeto, o número e perfil das pessoas atendidas, os benefícios oferecidos (cesta básica, serviço médico-odontológico, assistência social, etc.), características dos financiadores e investidores privados, tempo de existência dos projetos, apresentações artísticas, entre outros aspectos.

O estudo de Soter revela uma significativa inserção de projetos sociais ligados à dança na cidade do Rio de Janeiro. Observa a autora que tal fenômeno, já presente desde 1989, ganha vulto a partir de 1998, quando surgem 26 dos 32 projetos estudados.

Além dos projetos que lidam exclusivamente com a dança estudados por Silvia Soter, cabe também destacar a efetiva presença do ensino da dança presente em projetos mais abrangentes de inclusão social ligados ao esporte e cultura. Na cidade do Rio de Janeiro a dança está oficialmente incluída em dois projetos da Secretaria Municipal de Educação: O “Clube Escolar”, onde a dança é oferecida em meio a modalidades esportivas, e os “Núcleos de Arte”, onde esta prática está inserida em um rol de ensino de linguagens artísticas destinadas aos alunos da rede pública, em todas coordenadorias regionais do município.

## **CONSTRUINDO UM MÉTODO**

Coincidindo com o período destacado por Soter, observa-se que a temática “projetos sociais” tem recebido especial atenção da mídia nos últimos anos da década de 90. Diante disto, em um intervalo de tempo situado entre 1998 e 2002, este estudo realizou um levantamento no arquivo do jornal “O Globo”, analisando todas as notas e reportagens que enfocaram trabalhos referentes ao ensino da dança realizados junto às chamadas favelas e comunidades de baixa renda na cidade do Rio de Janeiro. Dentre as matérias encontradas, foram selecionamos aquelas que abordavam a dança em projetos sociais como temática central, que representavam um total de 20 textos.

Partindo de uma primeira leitura das matérias, construímos algumas categorias para análise do discurso jornalístico, a partir dos temas que eram mais freqüentemente abordados. Assim, destacamos algumas questões que pareceram ser mais significativas na abordagem das matérias.

A primeira questão analisa a visão jornalística em relação aos grupos-alvo dos projetos, isto é, como são descritos as crianças e jovens moradores de áreas de baixa renda e os possíveis desdobramentos dos projetos em suas vidas.

A segunda questão a ser investigada refere-se à visão que a mídia tem a

respeito do papel a ser desempenhado pelo projeto, do ponto de vista da inclusão social. Nesta questão analisou-se também como é visto o papel do profissional que está atuando nestas iniciativas.

Em terceiro lugar discutimos como se manifesta a presença da dança nestas reportagens, nas suas especificidades enquanto vivência artística e prática pedagógica mediada pela corporeidade.

Mediante a estas categorias, os textos foram estudados com mais profundidade, e, na abordagem de cada uma das questões acima citadas, agrupou-se um rol de marcas lingüísticas, que, por sua familiaridade semântica, apontavam para uma rede de sentidos que norteavam a imagem do que viria a ser a “Dança Social”.

Para a interpretação das referidas marcas lingüísticas, recorremos à concepção de Análise do Discurso (AD), na vertente proposta por Michel Pechêux (1991), com ênfase nas contribuições de Eni P. Orlandi (1988, 1994 e 1996).

Um princípio fundamental da AD é “considerar que há uma relação entre linguagem e exterioridade que é constitutiva” (p.18). Assim, Orlandi (1988) propõe que se busquem marcas lingüísticas recorrentes na organização de um discurso, sejam estas gramaticais (negação, imperativo, entre outras) ou textuais (como as figuras de linguagem, por exemplo). Tais marcas só adquirem um sentido na medida em que se relacionam a determinadas propriedades que compõem o contexto no qual o discurso se insere. Neste sentido, a ideologia, bem como suas relações com as instituições sociais, perpassa todos os processos discursivos, determinando o que pode e deve ser dito a partir da posição que se ocupa em determinada conjuntura.

Porém, um outro ponto defendido pela AD é que os sentidos estão continuamente deslocando-se. Há, então, não só uma constante recriação de novos sentidos possíveis para um referente (polissemia), como também se produzem novas formas de se expressar sentidos já legitimados (paráfrase).

Neste estudo, o que mais se destacou na análise de cada questão investigada foi a complexidade parafrásica que instituíra uma rede de sentidos que descreviam os projetos, suas clientelas e o papel da dança. Em cada um destes aspectos encontramos um rol de marcas lingüísticas, que tendiam de forma convergente para a formação de algumas paráfrases emblemáticas.

É importante frisar que, mesmo encaminhando metodologicamente este estudo, o uso da análise do discurso não significa a descoberta de um sentido final ou unicamente verdadeiro. Antes de tudo, porque o sentido não é literal, para que se possa apontar interpretações em uma rede discursiva faz-se necessário encontrar pistas significativas que revelem a fala ideológica.

Por outro lado, tão importante quanto revelar a homogeneização de uma fala, é descobrir a heterogeneidade constitutiva de um discurso, ou seja, os elementos de resistência ou de inovação que se infiltram na ideologia dominante. Para Pechêux

(1997) todo discurso, além de representar uma estrutura, é também sempre acontecimento. No próprio ato de filiar-se a determinadas formações discursivas e associá-las, o sujeito produz uma original teia onde qualquer enunciado que se apresenta é passível de tornar-se diferente de si, e, portanto,

Marca a uma possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos (...) é o “índice potencial” de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um **trabalho** (...) de deslocamento em seu espaço (...) (p.56, grifo nosso)

Assim, observando as convergências e divergências, fugindo de uma trama de causalidade linear, propôs-se vislumbrar o imaginário social que permeia estes textos jornalísticos. Segundo Ferreira & Eizirick (1994), o imaginário social é a rede de sentidos que matriza a conduta coletiva, na medida em que valores e interdições, como códigos coletivos, são internalizados pelos agentes sociais. Códigos que ultrapassam a esfera objetiva e que referem-se às crenças, desejos e fantasias que conferem à todas as representações de um grupo social uma dimensão real e imaginária.

Sob um outro prisma, também podem estar presentes nos construções imaginárias elementos de transformação. Coexistindo com as significações imaginárias instituídas, pode-se revelar o Imaginário Social Instituinte (CASTORIADIS, 1982, 1999) ou Imaginário Social Motor (BARBIER, 1985), pois toda instituição nada mais é do que um sistema temporariamente sancionado de relações entre símbolos e significados. Assim, devido ao caráter radical e imprevisível do imaginário do indivíduo humano e ao próprio poder instituinte da sociedade, tal sistema é sempre aberto ao distúrbio, à descontinuidade e à mutação.

Numa visão dialética de imagens e discursos, todos estes encaminhamentos teóricos e metodológicos revelam-se como recursos para uma reflexão: Ao falar de iniciativas voltadas para uma parcela de excluídos sociais, o discurso jornalístico busca revelar as possibilidades inovadoras e as limitações dos projetos ou simplesmente contempla e festeja com uma fala “politicamente correta” a moda dos projetos sociais?

### **A DANÇA SOCIAL INTERPRETADA PELA MÍDIA**

As imagens que se referem aos projetos sociais de ensino da dança aparecem no discurso jornalístico a partir de três vozes principais: A voz do jornalista que os descreve, a voz que o jornalista atribui aos professores e idealizadores destas ações, e a voz que o jornalista transcreve como sendo dos próprios alunos e seus responsáveis.

Ao falarmos em uma “voz atribuída” consideramos que, por mais fiel que o repórter seja às palavras dos personagens de suas matérias, no próprio ato de

perguntar e de selecionar trechos de entrevistas o jornalista já produz um recorte daquela realidade e uma interpretação da mesma. Neste sentido toda fala aqui presente é uma fala da mídia, que pode representar um imaginário bem próximo ao do entrevistado, mas que certamente não abrange todas as construções imaginárias dos sujeitos que são notícia.

### **Os sentidos atribuídos às crianças e jovens envolvidos nos projetos**

Quando se fala dos alunos e alunas envolvidas nos projetos, a primeira imagem que se destaca é a da falta. Partindo da incontestável posição de carência das mínimas condições materiais destes jovens, o discurso jornalístico enfatiza-os pelo aspecto da dificuldade e da anomia social.

“ A companhia de dança oficial da cidade, a DeAnima, está de olho nos desvalidos” .

(O Globo, 20/07/2002)

Frases semelhantes à acima citada povoam os textos ao longo de todo o período estudado. Reunindo-se aos “desvalidos”, expressões como “carentes”, “excluídos”, “sem perspectiva”, adjetivam os alunos, classificando-os sempre pela sua face mais evidente. Em nenhuma das matérias observamos uma intenção em revelar algum traço de personalidade interessante de um dos alunos, além da sua condição de bailarino-mirim. Não se relata também alguma peculiaridade comunidades, como se toda favela ou periferia fosse apenas o lugar da miséria, do tráfico de drogas, sem características idiossincráticas.

Partindo desta denúncia quase automática da miséria, aparece também uma imagem do jovem “carente” que o pressupõe como um ser destinado ou já incluído no desvio social. Características de comportamento que podem ser atribuídas às crianças e jovens de qualquer classe social parecem aqui significar um indício à marginalidade, sendo passíveis de prevenção ou correção:

“O balé ensina a ter disciplina, algo que não faz parte da vida da maioria das meninas das favelas. As crianças daqui são criadas sem limites e com a dança aprendem a ser mais rígidas com elas mesmas.”

(O Globo, 24/6/2001)

“As crianças que ingressaram no ano passado eram muito agitadas. A disciplina do balé mudou o seu comportamento”.

(O Globo, 8/3/2001)

“Postura, meninas! Os projetos da Vila Olímpica da Maré parecem um conjunto de ensinamentos de mãe, daqueles que procuram educar as crianças para que não se tornem más companhias para outras crianças”.

“- Pegamos meninos teimosos e agressivos. Hoje, eles estão ganhando paz interior. (...)”

(O Globo, 1/ 4/ 2001)

Também é curioso observar que o próprio discurso atribuído às alunas e alunos traduz estes valores moralizantes, na medida em que estes se enunciam como seres adaptados ou convertidos a um “caminho correto de vida”.

“Antes eu não fazia nada que desse futuro. Agora melhorei meu modo de falar, fiz novas amizades, emagreci e fiquei mais bonita - comemora Jéssica Silva, 11 anos”.

(O Globo, 21/9/2001)

“Dar aulas com a tia Rita é uma oportunidade única para mim e para as outras meninas que ela escolheu. Assistindo às aulas, a gente não fica na rua aprendendo coisas ruins - afirma Paula.”

(O Globo, 21/9/2000)

“Via meus amigos indo para o campo de futebol e, de repente, estavam no tráfico - lembra Bruno, concluindo que “ficar na rua é perigoso”. - Aqui, sei o que é bom para mim e o que não é”.

(O Globo, 30/7/2002)

### **Os sentidos atribuídos aos objetivos dos projetos.**

“Eles poderiam **estar no meio da rua**, mas volta e meia são vistos nos palcos da cidade protagonizando peças e coreografias”.<sup>2</sup>

(O Globo, 30/07/2002)

Entendendo os alunos dos projetos sociais principalmente como seres destinados à marginalidade, o discurso jornalístico constrói a imagem de tais projetos como uma alternativa possível para um desvio de tal destino. Assim, ao analisarmos a expressão recorrente “crianças em situação de risco”, percebemos que geralmente tal “risco” é representado pelo espaço da rua.

---

<sup>2</sup> Todos os grifos presentes nas citações ao longo do texto são ações das autoras, a fim de se destacar as marcas linguísticas recorrentes.

“Para **tirar crianças de comunidades carentes das ruas** é preciso oferecer a elas algo melhor. (...). Através de um contato com a dança, o teatro, a música e as artes plásticas, os jovens são estimulados a deixar a ociosidade”.

(O Globo, 22/04/2001)

Na fala da imprensa o espaço da rua aparece sempre como algo do qual a criança deva ser afastada, por representar o locus da violência, das drogas e dos perigos morais.

“Canto, street dance e balé clássico podem mostrar aos pequenos que há **caminhos diferentes de drogas e marginalidade** a serem seguidos”.

(O Globo, 01/04/2001)

Nestas falas observamos uma leitura rasa das causas da marginalidade, como se a rua em si gerasse o desvio, e não uma conjuntura social muito mais ampla de desigualdade e de falta de perspectivas. Neste sentido, a prática da dança reveste-se de significados moralizantes, assumindo muito mais o papel de uma atividade contra o “perigo do ócio” do que o de uma prática de descoberta artística e de vivência corporal subjetiva.

Outra ocorrência comum é a transcrição das falas atribuídas às mães dos alunos, reforçando estes valores que associam a rua ao perigo social. Para estes responsáveis, privados de condições de tempo de convívio, do oferecimento de alternativas de lazer e de tantas restrições à educação dos filhos, o espaço público torna-se um grande vilão e os projetos parecem representar uma das poucas alternativas para um cotidiano mais seguro.<sup>3</sup>

“- A Luana vai ajudar a dar aulas e isso me deixou muito orgulhosa. **Esse é um outro ambiente** e eu espero que minhas filhas sigam carreira no balé - afirma, satisfeita, a mãe das alunas.”

(O Globo, 21/09/2000)

Outra significação imaginária constantemente associada aos projetos está relacionada à idéia de “um futuro melhor” e de “oportunidade de vida”. Nesta perspectiva, os projetos são vistos como um meio de apoio escolar e até mesmo com fins terapêuticos. Tais idéias estão presentes principalmente nas falas atribuídas aos professores e coordenadores, que parecem justificar a importância dos projetos mais

---

<sup>3</sup> Em um estudo anterior (ASSIS e CORREIA, 2001) abordamos esta questão do “código da rua” como o principal elemento presente na fala de mães de alunas de um projeto social, onde o projeto assume uma função moralizante ao impedir que suas filhas estejam “à toa na rua” ou “perdendo tempo”.



por estas “conseqüências” do que pelas singularidades das práticas artísticas e corporais.

“- Acreditamos que esse tipo de atividade traz benefícios para os jovens. Ele melhora o rendimento escolar e o relacionamento com a família. Com isso, possibilitamos uma inserção social e cultural mais justa para essas crianças”.

(O Globo, 08/03/2001)

Um aspecto que o discurso jornalístico parece também enfatizar em relação aos criadores e professores dos projetos é uma certa imagem “messiânica”, normalmente transcrevendo falas ou fazendo descrições onde o trabalho destas pessoas assume mais um aspecto de uma “missão”. Nestes textos pouco espaço é dedicado às concepções artísticas e pedagógicas dos profissionais ou às suas possíveis posições político-ideológicas que ultrapassem um discurso politicamente correto ou salvacionista.

“- Fui muito pobre na minha infância, mas cresci abraçando as chances que me deram. Resolvi ser útil e oferecer uma oportunidade para essa garotada também ”

(O Globo, 01/06/2000)

“ Queria oferecer, por meio da dança e da disciplina que o balé impõe, uma oportunidade de vida para as crianças excluídas das nossas favelas”.

( O Globo, 19/05/2001)

### **Os sentidos atribuídos à dança**

Como já foi discutido, vimos que o discurso da mídia a respeito dos projetos citados sempre busca justificar a importância social das práticas corporais e artísticas a partir da idéia de serem principalmente um meio paliativo, recuperador ou preventivo em relação às mazelas sociais. Neste estudo percebemos as referências diretas à dança aparecem principalmente sob a forma de metáforas. Através de palavras normalmente associadas a esta prática, estas expressões mais uma vez contribuem para uma rede parafrásica em torno da idéia de “oportunidade”, “futuro melhor” e “salvação”.

Observamos que tais construções metafóricas são particularmente recorrentes quando se pretende transmitir a idéia de que determinadas crianças são particularmente agraciadas pelo ensino da dança, tendo a “oportunidade” de se destacarem e até mesmo a “chance” de saírem da pobreza.

**“NA PONTA DOS PÉS:** Graças a patrocínio, jovens passarão a receber salário fixo de R\$ 500,00”.

**“A dança tirou de favelas** ou ao menos melhorou o nível de vida de seis jovens integrantes da Companhia Brasileira de Balé”.

( O Globo, 25/07/2002)

**“Reginaldo Oliveira, de 16 anos, saiu da Favela da Maré, e, na ponta dos pés, chegou a Moscou** no ano passado”.

Nesta convergência parafrásica, não só as “pontas dos pés” surgem como exemplo de possibilidade de ascensão social, mas também saltos, sapatilhas, equilíbrios, passos, entre outros elementos que, metaforicamente, servem de transposição ou impulsão para um “futuro melhor”. Neste sentido, o senso comum que associa a dança aos elementos do balé clássico parece predominar, mesmo quando se referem a projetos que trabalham com novas pesquisas de linguagem na dança contemporânea e popular. Com exceção de algumas breves descrições de espetáculos, não observamos menções a respeito de que tipo de vivência corporal estes alunos estariam experimentando<sup>4</sup>.

**“De sapatilhas,** sete meninas e um menino, entre 9 e 14 anos, **vão saltar,** no próximo dia 18, **das favelas do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho para Berlim**”.

(O Globo, 14/03/1999)

**“Um grupo de 47 crianças de comunidades carentes se equilibra na ponta dos pés para tentar mudar de vida.** Elas trocaram as sandálias e os tênis por sapatilhas e vêm se saindo muito bem no compasso do balé.

(O Globo, 08/03/2001)

**“Setenta crianças e adolescentes de comunidades carentes da região vêm dando passos firmes em direção a um futuro melhor”.**

(O Globo, 01/06/2000)

Parece existir um certo encantamento do discurso jornalístico ao relacionar a imagem elitizada, disciplinada e européia do balé, com uma possível mudança de vida para crianças que são descritas como pertencentes a uma realidade pobre, caótica e subdesenvolvida. Neste sentido, mesmo que tal fato não ocorra na prática de todos os projetos, os textos revelam como os elementos de uma cultura dominante ainda atuam como referencial na formação e em um possível “resgate” de crianças e jovens das classes populares.

---

<sup>4</sup> Além da vivência empírica no meio da dança carioca, o estudo de Soter nos permitiu conhecer as concepções técnicas e artísticas dos projetos citados pelo jornal, o que nos permitiu enxergar esta “uniformização” dos projetos no discurso jornalístico.

## CONCLUSÃO

A partir do material aqui analisado, vemos que a mídia tem demonstrado uma interpretação positiva da realidade dos projetos sociais. Trazendo à tona a velha máxima da igualdade social, essas reportagens jornalísticas vão se delineando e cristalizando sentidos, carregando em si o sonho ocidental de atenuar a tirania das diferenças sociais. No entanto, ao valorizar a importância de tais iniciativas, produz e reproduz certos valores moralizantes, abordando as mazelas sociais como decorrência direta da pobreza, passíveis de prevenção ou correção a partir dos projetos.

No momento em que este trabalho se conclui, a cidade do Rio de Janeiro vive mais uma “onda de violência”, atribuída às ações comandadas por líderes criminosos, fenômenos cada vez mais frequentes e que vem sendo comparado (principalmente pelos veículos de comunicação), com um cenário de guerra. Neste contexto, as chamadas comunidades carentes são vistas como o berço do crime organizado, na medida em que nestas moram ou se abrigam os chefes do tráfico de drogas, recrutando entre os jovens do local a mão-de-obra para suas ações.

Tal situação revela mais um terreno fértil para os movimentos que partem da sociedade civil como resposta à realidade de insegurança<sup>5</sup>. De forma paralela à cobertura de passeatas e outros atos públicos, possivelmente a mídia investirá mais uma vez sua atenção nos projetos voltados para as chamadas “crianças em situação de risco”.

Assim como revela o discurso jornalístico, acreditamos que muitas crianças obtiveram benefícios efetivos a partir da vivência nos projetos. Sabemos que, assim como as campanhas contra a fome, enquanto o cenário social injusto não se minimiza, tais iniciativas podem ter uma ação pontual em relação a algumas lacunas educativas que o ensino formal ainda está longe de suprir.

No entanto, o discurso “socialmente comprometido” produzido e reproduzido pela mídia nos leva a refletir sobre algumas questões. Os sentidos que circulam nos textos podem ser decorrentes da própria estrutura dos projetos ou, simplesmente, interpretação jornalística, mas, de qualquer forma, tecem significações imaginárias em torno da realidade dos “jovens carentes” e suas possíveis “redenções”.

---

<sup>5</sup> O crescimento da violência no Rio de Janeiro é um processo antigo e contínuo, no entanto alguns eventos provocam maior impacto, como uma sucessão de crimes que causaram maior reação nas classes médias e altas, ou chacinas como a dos Menores da Candelária e a de Vigário Geral. O surgimento do Movimento Viva Rio é visto como um exemplo desta reação da sociedade civil e foi analisado pelo jornalista Zuenir Ventura no livro “Cidade Partida”. Movimentos como este podem ressurgir ou ganhar maior visibilidade em momentos mais recentes, como o assassinato do jornalista Tim Lopes ou nas ações de paralisação do comércio atribuídas às ordens dos traficantes de drogas, nos primeiros meses do ano de 2003.

Ao estudarmos os projetos voltados para as práticas corporais, em particular para a dança, destacamos que esta fala quase padronizada e “politicamente correta”, acaba por dominar todo o sentido destas ações. Notamos que a dimensão da vivência artística da dança encontra-se bastante apagada nestes textos. Pouco se nota de diferença entre as descrições dos projetos mais tradicionais, calcados na descoberta de talentos especiais para o balé, e os projetos com propostas variadas de linguagens, extensivos a toda a comunidade. Entremeadado ou não à questão do futuro profissional, o que predomina nestes discursos é a idéia de “disciplinar” e “tirar da rua”.

Certamente é positivo que uma ação educativa sirva como veículo de informações de higiene e saúde, que crie ambientes (até certo ponto) seguros; e que possa dar perspectivas de futuro profissional. No entanto, é de se estranhar que, ao se falar de arte e esporte para crianças e jovens, nunca se toque diretamente na questão da ludicidade. As matérias analisadas, ao elogiarem os projetos de dança, jamais destacam o prazer de dançar na observação ou na fala dos alunos. A dimensão de lazer que estas ações podem ter no cotidiano nunca é enfatizada.

Não podemos afirmar que esta “seriedade” esteja em todos os projetos, nem que foi instituída pelo discurso jornalístico como justificativa de importância. Provavelmente esta idéia de funcionalidade transita entre ambas as instâncias, fazendo parte de um imaginário instituído na sociedade, onde a educação das classes populares pode estar associada à idéia de uma instrução tecnicista ou a de instituições de reabilitação de menores.

No entanto, mesmo nos projetos mais “profissionalizantes”, sabemos que quando é o aluno que opta por freqüentar um projeto, provavelmente é pela vivência lúdica que pode encontrar nestes espaços. Se este aspecto não está presente, e o que mantém o aluno é apenas a determinação do responsável ou qualquer outra coerção social, esta ação disciplinadora pode ser fugaz, ineficiente ou simplesmente empobrecedora, em relação às múltiplas experiências que a arte e o esporte pode proporcionar.

O campo dos projetos sociais é um terreno que tem se ampliado para as ações dos profissionais da Educação Física, gerando cada vez mais espaços para reflexões. O discurso jornalístico aqui estudado representa principalmente um imaginário social instituído, que não deve ser meramente reproduzido em nossa práxis. Ao discutirmos ou atuarmos em ações como estas, cabe-nos o desafio de distinguir entre a discriminação e a atenção especial ao jovem “carente”, de transitar entre as necessidades de funcionalidade e a importância da fruição.

**REFERÊNCIAS**

ASSIS, M. & CORREIA, A. **O código da rua e o código da casa**. In: Motus Corporis. Universidade, 2001.

Gama Filho, v.8, n.1, p.47-58.

BARBIER, R. Sobre o imaginário. **Em Aberto**. Brasília INEP-MEC, 1994. n.61, p.15-23.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Feito e a ser feito: encruzilhadas do labirinto V**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FERREIRA, N. T. **Imaginário Social e Educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992

FERREIRA, N.T.; EIZIRICK, M. Educação e imaginário Social. In: **Em Aberto**. Brasília. 1994. n.61:05-14.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**. Brasília, INEP-MEC, 1994. n. 61, 53-59.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 29 de dezembro. 1998, p.3

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 4 de Janeiro, 1999, p.2

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 14 de março. 1999, p.30.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 27 de agosto. 1999, p.1.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 1 de janeiro. 2000, p.12.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 2 de junho, 2000, p.4.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 21 de setembro. 2000, p.18.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 8 de março. 2001, p.26

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 24 de junho. 2001, p.2

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 8 de março, 2001, p.6

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 22 de abril, 2001, p.5.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 19 de maio, 2001,p.4.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 1 de abril, 2001, p.4.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 14 de julho,2001, p.13.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 20 de julho,2002, p.1

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 30 de julho,2002, p.10-11.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 8 de setembro, 2002, p.4

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 8 de setembro,2002,p.5.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 25 de julho, 2002,p.11

SOTER, S. **A dança no Rio de Janeiro**: uma alternativa contra a exclusão. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Arte e Cultura, 2002.